

MARGARET ATWOOD

ELSINORE

«Tão potente quanto  
uma maldição.»

*Sunday Times*



**A  
ODISSEIA  
DE  
PENÉLOPE**

*À minha família*

«[...] ardiloso Ulisses!... És um homem afortunado por teres ganho uma esposa de virtude tão proeminente! Quão fiel te foi a tua Penélope sem mácula, filha de Ícaro! Quão lealmente guardou a lembrança do marido da sua juventude! A glória da sua virtude não desbotará com os anos, e os próprios deuses imortais comporão um belo cântico para ouvidos mortais em honra da constante Penélope.»

*Odisseia, Canto 24 (191-194)*

«[...] ele pegou num calibre, que havia servido no navio da proa azul, arremessou rapidamente uma ponta a uma alta coluna do pórtico e atirou a outra em volta da torre, de forma que os seus pés não tocassem o chão. Como quando tordos de longas asas ou pombos são presos numa armadilha... de maneira que as cabeças das mulheres depressa ficaram suspensas em fila, com os laços corrediços em volta do pescoço, para lhes dar o fim mais atroz. Por uns instantes, os pés contorceram-se-lhe, mas não por muito tempo.»

*Odisseia, Canto 22 (470-473)*

## INTRODUÇÃO

A história do regresso de Ulisses, após uma ausência de 20 anos, à sua pátria de Ítaca, onde era rei, é mais conhecida como *Odisseia*, de Homero. Disse-se que Ulisses passou metade desse tempo a combater na Guerra de Troia, e a outra metade, a errar pelo mar Egeu, esforçando-se por chegar a casa, suportando privações, vencendo uns quantos monstros e esquivando-se a outros, e dormindo com deusas. O caráter do «astucioso Ulisses» tem sido muito comentado: é realçado como um mentiroso convincente e um artista na arte do disfarce, um homem que vive de expedientes, que inventa estratégias e truques, e que, às vezes, é demasiado esperto... para seu mal. A divina auxiliadora de Ulisses é Palas Atena, uma deusa que o admira pela sua inventividade imediata.

Em *Odisseia*, Penélope — filha de Ícaro, de Esparta, e prima da bela Helena de Troia — é retratada como a quintessência da esposa fiel, uma mulher conhecida pela sua inteligência e constância. Além de chorar e rezar pelo regresso de Ulisses, ela ilude matreiramente os muitos Pretendentes que enxameiam as cercanias do seu palácio, delapidando a propriedade de Ulisses numa tentativa de forçá-la a desposar um deles. Não só Penélope os engana com falsas promessas, como tece uma mortalha que à noite destece, adiando o casamento até a mortalha estar pronta. Parte da *Odisseia* diz respeito aos seus problemas com o filho adolescente, Telémaco, disposto a afirmar-se não só

contra os importunos e perigosos Pretendentes, mas também contra a mãe. O livro acaba com a matança dos Pretendentes às mãos de Ulisses e Telémaco, o enforcamento das 12 servas que andavam a dormir com os primeiros, e a reunião de Ulisses e Penélope.

Mas a *Odisseia* de Homero não é a única versão da história. A origem da matéria mítica é oral e, também, local — um mito seria contado duma maneira num sítio, e de forma muito diversa noutro. Recolhi elementos diferentes dos da *Odisseia*, particularmente quanto aos pormenores da parentela de Penélope, à sua vida anterior e casamento, e aos boatos escandalosos que circulavam sobre ela.

Optei pela narrativa da história de Penélope e das 12 servas enforcadas. As servas formam um Coro recitante e cantante, focado em duas perguntas, que devemos fazer a nós mesmos quando lemos a *Odisseia*: o que levou ao enforcamento das raparigas, e o que tramava realmente Penélope? A história tem falhas, tal como é contada em a *Odisseia*: há demasiadas incoerências. Fui sempre assombrada pelas servas enforcadas, e, em *A Odisseia de Penélope*, também a heroína o é.

## UMA ARTE GROSSEIRA

**A**gora que estou morta, sei tudo. Era isto o que eu desejava que acontecesse, mas, tal como muitos dos meus desejos, não se revelou verdadeiro. Tenho apenas acesso a meia dúzia de factos de pouca monta que, dantes, ignorava. Será desnecessário dizer que a morte é um preço demasiado alto a pagar, apenas para se satisfazer a curiosidade.

Desde que morri — desde que adquiri este estado desossado, deslabiado, despeitado —, soube de certas coisas que preferiria nunca ter sabido, como quando se escuta às portas ou se abrem cartas alheias. Acham que gostaria de ler os pensamentos dos outros? É melhor pensarem duas vezes.

Toda a gente chega aqui abaixo com um saco, idênticos aos que se usam para guardar os ventos<sup>1</sup>, e cada um está cheio de palavras — palavras que se disseram, palavras que se escutaram, palavras que foram ditas acerca de nós. Alguns sacos não passam de saquitéis, outros são grandes sacas: o meu é de tamanho razoável, embora nele imensas palavras digam respeito ao meu eminente marido. Que figura de parva me obrigou ele a fazer, dizem alguns. Era uma especialidade sua: fazer dos outros parvos. E safava-se, o que era outra das suas especialidades: safar-se.

---

<sup>1</sup> Alusão ao saco onde o deus Éolo guardava os ventos, que, no caso referido, era um odre, feito com uma pele de boi. [N. T.]

Era sempre tão plausível. Houve muita gente a acreditar que a sua versão dos acontecimentos era a verdadeira, mais assassínio menos assassinio, mais beldade sedutora menos beldade sedutora, mais ciclope menos ciclope. Até eu acreditava nele, uma vez por outra. Sabia que era matreiro e mentiroso, mas não pensava que usasse comigo as suas artimanhas, e que testasse as suas mentiras comigo. Não lhe fora eu fiel? Não o esperara e tornara a esperar e a esperar sempre, apesar da tentação — quase a compulsão — de fazer o contrário? E o que ganhei eu com isso, logo que a versão oficial ganhou terreno? Uma lenda edificante. Um pau usado para bater nas outras mulheres. Porque não podiam elas ser tão circunspetas, tão fiéis, tão sofredoras como eu? Esse foi o estribilho que elas inventaram, as cantoras, as fiandeiras. *Não siga o meu exemplo*, apetece-me gritar-vos aos ouvidos — sim, aos vossos! Mas, quando tento gritar, o som parece-se com o de um mocho.

É claro que eu tinha sido avisada acerca da sua volubilidade, da sua astúcia, sagacidade, da sua raposice, da sua — como hei de dizer? —, falta de escrúpulos, mas fechava os olhos. Não abria a boca, ou, se a abria, cantava-lhe louvores. Não o contradizia, não fazia perguntas inconvenientes, não cavava fundo. Naquela época, eu queria finais felizes, e os finais felizes conseguem-se melhor mantendo fechadas as portas certas, e indo dormir durante os alvoroços.

Mas, depois dos acontecimentos principais terem cessado e de as coisas se terem tornado lendárias, apercebi-me de quantas pessoas se estavam a rir nas minhas costas — como me escarneciam, como faziam piadas sobre mim, tanto inócuas como porcas, como me estavam a transformar numa história, em várias, embora não no género de histórias que preferiria ouvir sobre mim mesma. Que pode uma mulher fazer quando uma bisbilhotice

escandalosa percorre o mundo? Se se defender, parece culpada. Portanto, esperei mais um pouco.

Agora que todos os outros já perderam o pio, é a minha vez de contar umas histórias. Devo-o a mim mesma. Reparem, tive de me violentar até chegar a tanto — é uma arte grosseira, o contar histórias. As velhotas pelam-se por isso, os mendigos errantes, os cantores cegos, as servas, as crianças — gente que pode perder tempo. Outrora, as pessoas ter-se-iam rido se eu tentasse armar-me em menestrel — não há nada mais absurdo do que um aristocrata a brincar com as artes —, mas, agora, quem se rala com a opinião pública? A opinião das gentes aqui em baixo, a opinião das sombras, dos ecos? Assim sendo, vou fiar o meu fio.

A dificuldade é não ter uma boca para falar. Não me posso fazer entender no vosso mundo, leitor, o mundo dos corpos, das línguas e dos dedos, e a maior parte do tempo não tenho ouvintes desse vosso lado do rio. Aqueles que de vocês conseguem captar um estranho murmúrio, um guincho estranho, facilmente confundirão as minhas palavras com a aragem a fazer restolhar as canas secas, com morcegos ao crepúsculo, com pesadelos.

Mas sempre fui de uma natureza determinada. Paciente, costumavam-me chamar. Gosto de ver uma coisa chegar ao fim.



## II

### O CORO: UMA CANTIGA PARA SALTAR À CORDA

nós somos as servas  
as que tu mataste  
as que desgraçaste

dançámos pelo ar  
os pés nus torcidos  
sem ser merecido

do céu, trono e rua  
com donas andaste,  
teus zelos calmaste

nós menos pecados  
tínhamos do que tu  
e mal nos julgaste

empunhavas lança,  
eras tu que falavas,  
tinhas o comando

o sangue limpámos  
dos nossos amantes  
de soalhos e bancos

de portas e escadas  
em água prostradas  
enquanto atentavas

em nossos pés nus  
e não foi merecido  
gostares do castigo

com ridente olhar  
levantaste a mão  
e viste-nos tombar

dançámos pelo ar,  
as que desgraçaste,  
as que tu mataste

### III

## A MINHA INFÂNCIA

Por onde hei de começar? Só há duas hipóteses: pelo princípio ou não. O verdadeiro princípio seria o princípio do mundo, depois de uma coisa ter levado à outra, mas como aí há diferenças de opinião, começarei pelo meu nascimento.

O meu pai era o rei Ícaro, de Esparta. A minha mãe era uma náíade. As filhas das náíades, naquele tempo, vendiam-se a um cêntimo à dúzia; havia-as por todo o lado. Não obstante, nunca fez mal a ninguém ser de nascimento semidivino. Ou, pelo menos, nunca fez mal a ninguém imediatamente.

Quando eu era bastante nova, o meu pai ordenou que me atirassem ao mar. Nunca soube o motivo exato, durante o meu tempo de vida, mas agora desconfio que um oráculo lhe tenha dito que eu lhe teceria a mortalha. Se calhar, julgou que, se me matasse primeiro, a mortalha nunca seria tecida e que ele viveria eternamente. Consigo perceber qual era o fio de raciocínio que ele estava a seguir. Naquele caso, o desejo de me afogar devia provir de um desejo, compreensível, de se proteger. Mas, com certeza, percebeu mal, ou o próprio oráculo ouviu mal — os deuses às vezes falam para dentro — porque não era a sua mortalha que estava em causa, mas sim a do meu sogro. Se foi essa a profecia, então, era verdadeira, porque, na verdade, a tecelagem dessa tal mortalha acabou por se revelar muito conveniente, mais tarde na minha vida.

O ensino de artes e ofícios às raparigas já passou de moda, e eu compreendo-o, mas, felizmente, isso ainda não tinha

acontecido nos meus tempos. É sempre uma vantagem ter qualquer coisa para fazer com as mãos. Assim, se alguém profere um comentário impróprio, podemos fingir que não ouvimos. E, nesse caso, não temos de responder.

Mas, se calhar, esta minha ideia do oráculo quanto à tecelagem da mortalha não tem fundamento. Talvez a tenha inventado eu, apenas para me sentir melhor. Há tantos murmúrios nas cavernas sombrias, nas campinas, que às vezes é difícil saber se o sussurro vem dos outros, ou se está dentro da nossa cabeça. Estou a usar *cabeça* figurativamente. Aqui em baixo dispensamos as cabeças, propriamente ditas.

Não interessa — fui mesmo atirada ao mar. Se me lembro das ondas a fecharem-se sobre mim, se me lembro do ar a fugir-me dos pulmões, e do som de campainhas que as pessoas dizem que o afogado ouve? Absolutamente nada. Mas contaram-me a história: há sempre uma serva, uma escrava, uma ama velha ou um intrometido qualquer, prontos a regalarem uma criança com as coisas horríveis que os pais fizeram quando ela era ainda demasiado nova para se conseguir lembrar. Ouvir esta anedota desencorajadora não melhorou as minhas relações com o meu pai. É a este episódio — ou melhor, ao conhecimento que tenho dele — que atribuo a minha reserva, bem como a desconfiança quanto às intenções das outras pessoas.

Seja como for, foi estúpido por parte de Ícaro tentar matar a filha duma náiaide. A água é o nosso elemento, é o nosso direito de primogenitura. Embora não sejamos tão boas nadadoras como as nossas mães, temos maneira de flutuar, além de muito boas relações com os peixes e com as aves marinhas. Um bando de patos de riscas púrpura foi em meu socorro e arrastou-me para terra. Depois de um presságio daqueles, que havia o meu pai

de fazer? Aceitou-me de novo e deu-me um outro nome — *pato* tornou-se a minha nova alcunha. Não tenho dúvidas de que o meu pai se sentia culpado pelo que quase conseguira fazer: tornou-se demasiado afetuoso para comigo.

Mas não me era fácil devolver aquela afeição, como podem imaginar. Lá estava eu, de mãos dadas com o meu progenitor, aparentemente muito meu amigo, à beira de um recife ou de um rio ou num parapeito, e lembrava-me de que, de um momento para o outro, lhe podia passar na cabeça empurrar-me ou esmagar-me com uma pedra. Em circunstâncias assim, conservar uma aparência calma era um desafio. Depois dessas excursões, ia para o meu quarto e desfazia-me em torrentes de lágrimas. (Um choro exagerado, também vos devo dizer, é uma desvantagem para quem nasce duma náiade. Passei, pelo menos um quarto da minha vida a chorar baba e ranho. Felizmente havia véus, no meu tempo. São um auxílio prático para disfarçar olhos inchados e vermelhos.)

A minha mãe, como todas as náiades, era bonita, mas de coração gélido. Tinha cabelo ondulado, covinhas, e um riso tilinante. Era esquivada. Em pequena, tentava muitas vezes abraçá-la, mas ela costumava fugir-me. Gosto de pensar que tenha sido ela, talvez, a responsável pelo bando de patos, mas, se calhar, não foi: preferia nadar no rio a tomar conta de criancinhas, e, muitas vezes, esquecia-se de mim. Se o meu pai não me tivesse mandado atirar ao mar, talvez ela o tivesse feito, num ataque de distração ou irritação. Não se conseguia concentrar por muito tempo e as suas emoções mudavam com rapidez.

Já pode ver, pelo que vos tenho estado a contar, que eu era uma criança que aprendeu cedo as virtudes — se é que o são — da autossuficiência. Percebi que teria de olhar por mim, neste mundo. Dificilmente poderia contar com o apoio da família.

## IV

### O CORO: A CARPIDURA DAS CRIANÇAS OU O LAMENTO DAS SERVAS

Também nós fomos crianças. Também nós nascemos de pais indevidos. Pais pobres, pais escravos, pais camponeses e pais servos: pais que nos venderam, pais a quem fomos roubadas. Esses pais não eram deuses, não eram semideuses, não eram ninfas nem náiades. Puseram-nos a trabalhar no palácio, em crianças. Mourejávamos da alvorada ao poente, em crianças. Se chorávamos, ninguém nos enxugava as lágrimas. Se dormíamos, acordavam-nos com um pontapé. Disseram-nos que não tínhamos mãe. Disseram-nos que não tínhamos pai. Disseram-nos que éramos preguiçosas. Disseram-nos que éramos porcas. Éramos porcas. A porcaria estava por nossa conta, a porcaria era a nossa especialidade, a porcaria era sempre culpa nossa. Éramos as raparigas porcas. Se os nossos senhores ou os filhos dos nossos senhores ou um nobre de visita quisessem dormir connosco, não podíamos recusar. Não nos servia de nada chorar, não nos servia de nada dizer que sofriamos. Tudo isto nos sucedeu quando éramos crianças. Se éramos crianças bonitas, as nossas vidas eram ainda piores. Esfregávamos o chão depois de suntuosas festas de casamento, e comíamos os restos: nunca iríamos ter uma festa pelo nosso casamento, quaisquer ofertas ricas nos seriam feitas, os nossos corpos pouco valiam. Mas também queríamos cantar e dançar, também queríamos ser felizes. Quando crescemos, tornámo-nos cortesês e esquivas, dominávamos o desdém secreto. Rebolávamos as ancas, punha-nos de

emboscada, fazíamos sinais com as sobrancelhas, mesmo quando éramos crianças; encontrávamo-nos com rapazes por trás dos chiqueiros, tanto nobres como ignóbeis. Rolávamos na palha, na lama, no esterco, nas camas de toão macio que estivéramos a fazer para os nossos amos. Bebíamos o vinho deixado nas taças. Cuspíamos nas travessas que iam ser servidas. Entre o salão luminoso e a tenebrosa copa, atafulhávamos a boca de carne roubada. Ríamos juntas nos nossos sótãos, de noite. Deitávamos a mão ao que podíamos.

«Agora é a minha vez de contar umas histórias. Devo-o a mim mesma. Outrora, as pessoas ter-se-iam rido, mas, agora, quem se rala com a opinião pública? Com a opinião das gentes aqui em baixo, a opinião das sombras, dos ecos? Assim sendo, vou fiar o meu fio.»

Penélope, imortalizada pela lenda e pelo mito, exemplo de temperança, sinónimo de esposa paciente e fiel, tece durante o dia e destece durante a noite os fios do seu tear para afastar os Pretendentes, enquanto aguarda pelo regresso incerto do seu marido, o famoso herói, Ulisses.

Mas a *Odisseia* não é a única versão possível desta história. Agora que Penélope, há muito morta e esquecida pelo mundo, vagueia pelos infernos, pode finalmente contar a sua própria versão dos acontecimentos: um relato contundente e divertido sobre luxúria, ganância e violência, onde os mitos se desfazem e ninguém é poupado.

«Pragmática, mordaz, doméstica, sombria,  
Penélope é a perfeita heroína de Atwood.»

*Spectator*

«Fabuloso... inequivocamente irreverente.»

*The New York Times*

<b>ELSINORE</b> entre nós e as palavras 2020 editora	ISBN 978-989-8664-44-4  9 789898 864444 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO <a href="http://WWW.ELSINORE.PT">WWW.ELSINORE.PT</a>	